

# AFROCENTRICIDADE E DANÇA COMO FONTE PARA A AGÊNCIA E PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS NO ENSINO BÁSICO

Marina Nascimento Silva Souza<sup>1</sup>, Marina Brasiliano Salerno

[marinanss@gmail.com](mailto:marinanss@gmail.com) 1, [marina.brasiliano@ufms.com.br](mailto:marina.brasiliano@ufms.com.br) 2

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

**Resumo.** *O presente artigo apresenta as etapas percorridas durante a elaboração de uma proposta de vivências artísticas dançantes, inspirada pelo legado da bailarina Mercedes Baptista. Proposta esta, que assim como a técnica criada por Mercedes, estabelece um diálogo entre as artes da dança afro e do balé clássico, e será direcionada para alunas negras das séries de 4º e 5º ano, de uma escola do interior do Mato Grosso do Sul. Os debates atravessados por questões de raça e gênero contidos nessa pesquisa são conduzidos pela perspectiva afrocêntrica, o que nos possibilita alcançar discussões que abarquem os pilares propostos pela Lei 10.639-03, assegurando o exercício da agência da população negra brasileira, através do reconhecimento, valorização e legitimação das manifestações culturais afro-brasileiras nos espaços educacionais e consequentemente em toda sociedade brasileira.*

**Palavras-Chave.** *Dança Afro, Mercedes Baptista, Perspectiva Afrocêntrica.*

**Abstract** *This article presents the steps taken during the elaboration of a proposal for artistic dancing experiences, inspired by the legacy of dancer Mercedes Baptista. This proposal, which, like the technique created by Mercedes, establishes a dialogue between the arts of Afro dance and classical ballet, and will be aimed at black students in the 4th and 5th grades at some school from a country town city of Mato Grosso do Sul. The debates crossed by issues of race and gender contained in this research are conducted by the Afrocentric perspective (Asante 2014), which allows us to reach discussions that encompass the pillars proposed by Law 10.639-03, ensuring the exercise of agency by the Brazilian black population, through the recognition,*

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Ministério da Educação e Cultura - UFMS/MEC, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*appreciation and legitimation of Afro-Brazilian cultural manifestations in educational spaces and consequently throughout Brazilian society.*

**Keywords.** *Afro Dance, Mercedes Baptista, Afrocentric viewpoint*

## Introdução

A arte possui um papel estruturante na construção cultural de uma sociedade. Ela tem o poder de estabelecer um diálogo direto, e de propor críticas e repensares sobre os assuntos mais diversos e urgentes, por meio de potentes ondas de comunicação, que reverberam de maneiras sutis, porém certeiras.

Apesar do considerável esforço dispensado pelo domínio ocidental, em romper os laços de identidade, compreendidas pela cultura e arte da população negra, com seu continente de origem, a mesma resiste ao incorporar e manifestar elementos artísticos ancestrais em seu existir, e ao se colocar no centro da produção cultural, através de diversas mostras populares, como a dança afro-diaspórica<sup>2</sup>.

Tavares e Machado (2020), entendem a resistência em forma de manifestações culturais da população negra, como um ato político e cultural, pois simbolizam o vínculo com a sabedoria ancestral como forma de preservar sua identidade, e *re-existir* na diáspora.

Com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) a partir da sanção da Lei 10.639-03<sup>3</sup>, no ano de 2003, emergem-se possibilidades de potencializar a visibilidade das manifestações de arte e dança afro-diaspóricas, que permaneciam até então, restritas às comunidades em que surgiram, ou a comemorações e eventos pontuais.

Mediante ao dever da reparação contido nessa iniciativa e ao chamado ancestral de uma responsabilidade urgente, este artigo busca então, descrever os caminhos percorridos na formulação de uma proposta de vivências artísticas dançantes, direcionado para alunas negras, entre 10 e 11 anos de uma escola do interior do MS.

---

<sup>2</sup> Diáspora Africana no Brasil: movimento de dispersão de grande parte da população africana, no contexto criminoso de invasão e domínio do território africano, liderado por europeus, em meados do século XVI, resultando na escravização de corpos negros, raptados e aprisionados em território brasileiro colonizado por mais de 300 anos. Posicionando a subjetivação desses povos e a cultura que produzem como afro diaspóricas do território habitado, nesse caso, afro-diaspóricas brasileiras. (NJERI, 2022)

<sup>3</sup> A 10.639 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. (P.8, BRASIL, 2005)

Proposta que se sustenta na revisão de literatura do referencial teórico pertinente acerca das publicações sobre Mercedes Baptista, e as relações que a mesma estabeleceu entre o balé clássico e a dança afro, e em como a perspectiva afrocêntrica, pode organizar as citadas linguagens no urgente processo de restauração da agência da população negra, vislumbrando um cenário no qual a mesma consiga caminhar como protagonista na produção cultural, usufruir dos acessos, do prestígio de suas produções, e tenha sua permanência nessas experiências protegida, legitimada e fomentada pela sociedade como um todo.

A presente pesquisa entende a arte como seu cenário principal, sendo assim as situações nela envolvidas ofertam certa amplitude de desdobramentos, posicionando a abordagem qualitativa como a mais indicada na discussão das impressões. Logo, a pesquisa qualitativa, oferece ao pesquisador diversas possibilidades de interação com o conteúdo alcançado, para que o mesmo interprete experiências, comportamentos, interações e contextos sociais, de forma coerente e eficaz. (MINAYO, 2001)

### **O (RE)encontro com a Afrocentricidade**

Para me conduzir através dessas reflexões, precisei me reconectar com minhas experiências, sustentada pelo conceito de *Sankofa*<sup>4</sup>. Tanto com as minhas relações iniciais com o ambiente e as impressões ali alcançadas, como minhas experiências de consumo e produção de cultura, em sua maioria em espaços hegemonicamente estruturados sob a ótica do colonizador.

O cenário cultural da dança me é familiar desde criança, conheci diversas linhas e, assim como Mercedes Baptista, não por acaso, me encantei com o balé clássico, arte responsável pela maior parte de minha formação como bailarina e mais adiante, como professora. Tanto eu, quanto Mercedes Baptista, como poderemos confirmar no seguir da discussão, fomos direcionadas no comum processo de naturalização, divulgação e apropriação de culturas estrangeiras. Logo, não me surpreendo com o momento tardio em que me entendi como uma pessoa negra, por volta dos 30 anos. E relaciono minha dificuldade em identificar o meu lugar racializado nesta sociedade, com a equivocada

---

<sup>4</sup> Símbolo utilizado por um grupo étnico da Costa do Marfim e de Gana, o grupo *akon*, com a mensagem de: “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”. (DRAVET E OLIVEIRA, 2017)

sensação de pertencimento, que acreditava vivenciar e com constantes tentativas de autopreservação.

Sendo a subjetivação do indivíduo atravessada por experiências culturais, e tais experiências serem primordiais para a formação de sua identidade, quando tuteladas por um padrão hegemônico que posiciona o indivíduo como inferior, evento facilmente percebido em manifestações culturais impostas pelo ocidente, o indivíduo se constitui a partir de uma imagem fragmentada. Que apesar da situação conflitante, e sem perceber, auto deprecia sua origem, para confirmar o movimento de difamação imposto pela cultura do dominador, sob o desejo de ser visto e aceito como pertencente. (HOOKS,2007)

Através de Quijano (2005), reflito sobre os motivos que favoreceram que conteúdos culturais afro-diaspóricos<sup>5</sup> permaneçam inacessíveis, invisíveis, afastados, a ponto de simplesmente não alcançarem, até mesmo seus pares. O autor descreve o contexto histórico e social, envolvido pelas heranças de uma sociedade colonizada, na qual a população negra fora classificada por uma hierarquia social, baseada na raça, marcada por uma relação de inferioridade com o colonizador. Esse complexo de inferioridade<sup>6</sup>, sustentado pelos aspectos colonizadores que atravessam a nossa subjetivação, ocasionaram tanto em mim, como na sociedade em geral, o afastamento do interesse em reconhecer as epistemologias africanas, bem como a desfocada valorização da cultura eurocêntrica e um desejo inalcançável de pertencimento e aceitação dessa cultura.

Hall (1997), reflete sobre o poder de regulação que a cultura exerce sobre a sociedade, e como se alcança uma influência cultural eficaz. O autor afirma que esta força é estruturada através das práticas impostas pela cultura dominante, que se consolidam mediante aos interesses políticos dessa cultura, transformados em condutas constituídas para conduzir e regular os integrantes da sociedade em questão, de maneira

---

<sup>5</sup> Diáspora Africana no Brasil: movimento de dispersão de grande parte da população africana, no contexto criminoso de invasão e domínio do território africano, liderado por europeus, em meados do século XVI, resultando na escravização de corpos negros, raptados e aprisionados em território brasileiro colonizado por mais de 300 anos. Posicionando a subjetivação desses povos e a cultura que produzem como afro-diaspóricas do território habitado, nesse caso, afro-diaspóricas brasileiras. (NJERI, 2022)

<sup>6</sup> Veiga (2019), alerta sobre as negligências que cercam a subjetivação da população negra. O autor posiciona o sofrimento dessa população como uma responsabilidade política, e não individual, como é constantemente colocado pelas heranças da colonização. Aborda ainda o conceito de inconsciente colonial, como uma conduta latente que estabelece a conduta da sociedade, colaborando para a permanência da população negra no lugar de inferioridade.

natural e permanente. Manter então, as manifestações culturais de origem africanas livres para se expressarem, colocaria o desejo de controle e supremacia cultura dominante em risco, sendo assim, o apagamento e a difamação foram meios eficientes e categóricos, tanto para o afastamento da sociedade em experiências como esta, bem como sua cumplicidade na divulgação ofensiva.

Para realocar subjetivação da população negra e sustentar essa jornada, encontro o conceito do paradigma da afrocentricidade, uma conduta ética baseada na ideia que os povos africanos (na diáspora ou não) precisam se reconectar com seus interesses, colocando-os em evidência e movimentando todas as suas relações em função da preservação dos mesmos. (ASANTE, 2014)

Ao estabelecer o indivíduo como sujeito, e não como objeto, as possibilidades de agenciamentos do mesmo são ampliadas, e ao adicionar o questionamento sobre a localização, podemos acessar informações com um teor mais lúcido para direcionar este indivíduo em suas reflexões. Posicionando – o assim, em um contexto compatível a sua identidade, cuja cultura é rica e milenar, fundada sob aspectos de cidadania e humanidade, afastando - o da atmosfera de desorientação, descentramento e falta de agência negra, proposta pelas perspectivas ocidentais. (NOGUERA, 2012)

Movida agora pela pulsão ancestral e não mais pelo ilusório desejo de aceitação de uma cultura segregadora, organizo minhas buscas a partir dos firmes passos da bailarina Mercedes Baptista na construção de uma relação de orgulho e respeito com as manifestações de cultura africana, e como descreve o símbolo de *Sankofa*, no propósito de “aprender com o passado para construir o futuro.” (DRAVET E OLIVEIRA, 2017)

### **Perspectiva Afrocêntrica, o que é, e porque utilizá-la condutora desta experiência**

O campo dos saberes possui um direcionamento específico ditado pelas epistemologias ocidentais. Podemos observar desde procedimentos metodológicos, a escrita e a execução de pesquisas, uma certa tendência de seguir os interesses de um sistema educacional que opera na manutenção da hegemonia.

Percebo então uma incoerência nas ações propostas pelos ambientes de aprendizagem, na qual a premissa básica, deveria ser ampliar nossos arcabouços teóricos sobre as diferenças, para assim sermos capazes de argumentar criticamente frente aos conflitos e desafios da vida em sociedade, pois o mesmo ambiente se

apresenta como mero reproduzidor e incentivador das opressões, empenhados em continuar, a supremacia da “cultura dominante.” (HOOKS 2017, p. 56)

O presente contexto no qual as filosofias e metodologias ocidentais foram fundamentadas e direcionadas exclusivamente para o desenvolvimento dessa sociedade, sem espaço para dialogar com epistemologias outras, e sem a preocupação de conhecer, entender e acolher os saberes de outros povos, que vieram a fazer parte desta sociedade por razões diversas, gerou uma necessidade de se estruturar uma metodologia que removesse os aspectos ocidentais do centro, e abarcasse os conceitos e perspectivas compatíveis com as experiências culturais dos povos africanos, bem como realocá-los na história.

Como estudantes, passamos por diversas etapas do ensino escolar básico, sendo cercados por informações equivocadas e essencialistas tanto sobre o território africano, quanto o oriente. O território africano tende a ser relacionado com hábitos selvagens, com locais desassistidos politicamente, cenário de pobreza e abandono, fechando o ciclo composto exclusivamente por difamações, com o período da escravidão. Práticas como estas contribuem para um distanciamento dos alunos que identificam – se, mesmo que só fenotipicamente com essas populações, por uma densa nuvem de terror (propensão de experiências similares) e vergonha (comparação a uma imagem digna de piedade e desvalorizada por todos). Transformando nossas primeiras experiências com o sistema educacional em experiências traumáticas, na qual somos posicionados no âmbito de “menos humanos”. (NJERI, 2021)

Contudo, Alves, Jesus e Sholz (2015), afirmam que apesar do contexto de desgraça coletiva em que se configurou a chegada dos povos africanos no Brasil, é importante lembrar, que os mesmos estavam plenamente conscientes da potência de sua origem e sobretudo do valor cultural que suas histórias carregavam. Visto que mesmo sob as constantes práticas de difamação de sua cultura, lideradas antes pelos colonizadores, e que hoje seguem a permear negativamente o inconsciente coletivo, resistem através de diversas manifestações culturais (religião, culinária, comunidades quilombolas, dança, capoeira) que compõe as práticas civilizatórias brasileiras.

Como estratégia de enfrentamento ao presente cenário, encontro no paradigma afrocêntrico, uma proposta de conduta ética, estruturada e consolidada pelo professor e filósofo Molefi Kete Asante nos anos 70, mediante a sua publicação: “Afrocentricidade:

a teoria da mudança social”. Sob uma proposta de reintegração e realocação dos povos africanos, o paradigma da afrocentricidade vem para proteger os valores civilizatórios desta sociedade pré colonização, para posicionar seus integrantes como agentes, como indivíduos aptos a atuar, produzir, se relacionar, liderar, através de seus próprios interesses. Uma agenda afrocêntrica que posiciona a humanidade de sua população, acima de tudo, como inegociável, para que o indivíduo lúcido de suas especificidades e valores, se distancie da situação de vulnerabilidade e inferioridade herdados da colonização. (ASANTE, 2014)

### **Mercedes Baptista a precursora na dança afro brasileira**

Mercedes Baptista, filha de costureira, sem menções sobre a presença paterna, como descreve Melgaço (2007), é natural do interior do Rio de Janeiro, cidade de Campos dos Goytacazes. O início de Mercedes na dança aconteceu por intermédio de um curso oferecido pelo Serviço Nacional de Teatro do Rio de Janeiro, em 1944. Nele teve suas primeiras lições de balé clássico e dança folclórica.

Após se desligar de seu primeiro curso, em razão de não poder haver bailarina “de cor” no corpo de baile, Mercedes passou a frequentar mais aulas da Escola de Danças do Teatro Municipal. Apesar das contínuas experiências permeadas pelo racismo, já no Teatro Municipal, Mercedes conquistou seu espaço no corpo de baile (MELGAÇO, 2007).

Mendonça, Gominho e Melo (2022), afirmam que o acesso de corpos negros em espaços com a predominância de epistemologias anglo europeias, oferece um certo tensionamento causado pela ameaça contida na diversificação de um perfil outrora inquestionado e inalterável. Trazendo as pautas de inclusão, ao que concernem as questões raciais e sociais cada vez mais urgentes, pois tal configuração contribui para fortalecer o surgimento de barreiras à produção e ao consumo de saberes afrodiaspóricos.

Profissional competente e talentosa, não obtivera o reconhecimento compatível com suas qualidades, por vezes tivera seu corpo negro pintado de dourado ou prateado para entrar no palco, com o objetivo de disfarçar o destoe de sua etnia perante no corpo de baile elencado a partir de um padrão branco europeu (FERREIRA, 2019).

As situações vividas por Mercedes, se apresentam como um evidente exemplo das consequências do colonialismo, que ao estabelecer um modelo de estética, tende a excluir corpos que não forem compatíveis com este modelo. (CARDOSO E LIMA, 2021)

Mercedes segue com uma trajetória rica e desafiadora, com passagens no *Dunham School of Dance and Theater*, onde se aproximou da antropóloga, ativista e dançarina Katherine Dunham (1906/2006), e se inteirou sobre as barreiras que a mesma enfrentara como produtora cultural negra em Nova York. Quando voltou, ao se deparar com as mesmas situações de invisibilidade que sofrera no Teatro Municipal, resolveu colocar em prática toda a técnica em pesquisas e dança que aprendeu no tempo que estava no exterior, e começou a dar aulas para pessoas negras que almejavam tornar-se artistas (ANUNCIACÃO, 2019).

Mercedes então, retorna inspirada a entender o espaço da dança negra no Brasil, que em contato com as experiências com o diretor do Teatro Experimental Negro<sup>7</sup>, Abdias Nascimento, a impulsionam em direção a sua ancestralidade. A bailarina encontra nos rituais do terreiro, sobretudo no candomblé, um rico material para sua dança. Sua metodologia relaciona os fundamentos do balé clássico, com elementos da dança moderna e as danças de matriz africana, entrelaces que possibilitaram que movimentos realizados apenas nos rituais do candomblé, pudessem ser estudados, incorporados e apresentados no palco (TAVARES E MACHADO, 2020)

Nesse meio tempo, como descreve Villeroy (2021), Mercedes funda a Academia de Danças Mercedes Baptista entre os anos 50 e 60, composto por bailarinos negros com performances autorais fundamentadas na adaptação das danças afro, inspiradas nos orixás e nas danças brasileiras. A técnica e o rigor de Mercedes refletiam em coreografias fortes com personalidade única, proporcionando grande visibilidade em todo país e no mundo. E quinze anos após ter deixado o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Mercedes retornou para ocupar a cadeira de Danças Primitivas, que mais tarde viria a ser chamada de Dança Afro-brasileira onde ficou até 1982, quando se aposentou.

---

<sup>7</sup> Movimento artístico de dimensão política e social composto exclusivamente por artista negros, criado pelo ator, dramaturgo, ativista e professor universitário Abdias Nascimento em 1944, com o objetivo de refletir sobre as situações vivenciadas pela população negra na sociedade brasileira e assim promover o resgate da valorização cultural afro-brasileira (NASCIMENTO, 2004).

Mercedes nos deixou em 2014, aos 93 anos. Com a brilhante forma como absorveu e condensou diversas técnicas, sua forte presença segue a inspirar questionamentos, encorajar rupturas e validar a importância da produção das diferenças.

### **Caminhos a se percorrer**

Assim como propõe a metodologia de Mercedes Baptista, apresento uma experiência multicultural em forma de vivências artísticas dançantes, direcionadas as alunas entre 10 e 11 anos, das séries de 4º e 5º ano de uma escola do interior do Mato Grosso do Sul, com a intenção em atender de 15 a 20 alunas.

Em relação a coleta e análise do material para o presente estudo, optou-se por direcioná-lo exclusivamente para as meninas que se declarassem negras, e para isso, foi feita inicialmente uma investigação acerca da quantidade de alunas negras matriculadas, para assim dar-se continuidade a aplicação da proposta na escola mencionada. É importante ressaltar que a atividade será oferecida para todas as meninas matriculadas nas turmas citadas.

A manutenção da diversidade original das turmas será mantida para que todas as alunas pudessem ter a oportunidade de participar de uma atividade cultural extracurricular, mas, sobretudo, porque a mesma favorece debates propostos pela Lei Federal nº 10639/2003, sobre a estrutura da sociedade, sobretudo em relação as diferentes experiências que outras populações são expostas, e como essa dinâmica pode interferir em alguns benefícios, ou barreiras dependendo do grupo que se estiver inserido. (REIS, LIMA E NASCIMENTO, 2019)

A proposta terá duração total de 4 meses, e a abordagem de ensino irá se estruturar por meio do contato com grupo, a partir dos entrelaces da perspectiva afrocêntrica e da ferramenta de análise da Interseccionalidade<sup>8</sup>, com a finalidade de entender as necessidades do público atendido, e através desse olhar desenvolver estratégias que abarquem os aspectos pertinentes aos envolvidos e favoreça uma intervenção eficaz e precisa. Estabelecendo assim, como nos inspira Collins (2017), uma ponte entre os saberes produzidos nos movimentos sociais, com o suporte e reconhecimento da academia.

---

<sup>8</sup> Ferramenta de análise de múltiplas discriminações que se encontram a partir dos mascaradores sociais da diferença. Através da mesma, é possível alcançar maior assertividade em relação as necessidades da população envolvida, mapear as informações pertinentes e traçar uma proposta de intervenção personalizada e eficaz. (CREWNSHAW, 2002)

As aulas serão constituídas por dois momentos. O primeiro será composto por uma roda de conversa, na qual ocorrerá a apresentação da história de mulheres negras que manifestam protagonismo na dança, com o propósito de estreitar laços com a cultura afro-brasileira, despertar a autorreflexão sobre possibilidades de agenciamentos e desenvolver reflexões e debates sobre as questões que compreendem a ocupação desses espaços e a produção cultural contra hegemônica.

Já sobre o segundo momento da aula, o mesmo irá contemplar atividades que desenvolvam a consciência espacial e corporal, exercícios de flexibilidade e força, bem como a iniciação a técnica do balé clássico, experimentações com a dança afro, e noções de montagem coreográfica.

Serão feitos três registros ao longo dos meses, por meio de gravação de áudio para se analisar as impressões ali vivenciadas, que contribuirão na composição do debate de minha dissertação de mestrado.

### **Ferramentas Metodológicas**

Visando amplo contato com o referencial teórico pertinente, e com o objetivo de sustentar novas reflexões, e justificar a pertinência da presente pesquisa, recorreremos à revisão de literatura (BARROS, 2009). Em paralelo à revisão de literatura, que irá sustentar as reflexões da presente pesquisa, iremos acessar a metodologia da roda de conversa para reter e interpretar as impressões obtidas durante a proposta de vivências de dançantes e experiência corporal.

Afonso e Abade (2008), afirmam que a presente metodologia tem grande potencial em favorecer reflexões em ambientes escolares, mantendo a descontração característica deste ambiente, para assim estabelecer uma conexão segura, com acessos dinâmicos e produtivos para uma análise futura. Melo e Cruz (2014), apresentam a roda de conversa como uma metodologia eficiente na interação de temas com conteúdos densos, porém em ambientes informais.

Os dados serão registrados em um diário de bordo e analisados a partir da técnica de Bardin, pois a mesma apresenta a organização indicada para pesquisas qualitativas e se apresenta eficiente em trabalhos compostos por diversidades de discursos e situações (BARDIN, 1977).

Decidiu-se inicialmente, por três rodas de conversas que serão distribuídas ao longo dos encontros, com o objetivo de favorecer um ambiente de autorreflexão, escuta, diálogos e trocas de informações, com estímulos à conexão e valorização das narrativas e produção da diferença, socialização e possibilidades de agenciamentos.

### **Considerações em curso e resultados esperados**

A estrutura das vivências aqui propostas, visam construir dentro da presente hostilidade dos ambientes escolares, oportunidades de fortalecimento e fôlego para a população atendida. Njeri (2021), alerta para o ciclo de produção de valores opressores e desumanizadores que cercam a educação infantil afro-brasileira, o que se conecta respectivamente a presente demanda de reposicionamento do povo negro, frente a sua própria história. O presente contexto pode resultar em um estado, que Asante (2014) descreve como *desagêcia*, - estado em que o indivíduo se retira de suas próprias ambições, e direciona seus pensamentos e força motriz na execução e manutenção dos objetivos do outro, consequência de uma subjetivação promovidas pela dominação eurocêntrica.

A iniciativa em elaborar uma proposta de vivências artísticas dançantes, inspirada pelo legado da bailarina Mercedes Baptista, além de contribuir para necessária divulgação dos saberes relacionados a cultura afro, possibilita também a investigação dos acessos ofertados para o consumo e valorização da produção cultural artística negra, sobretudo na área em questão. Visto que tanto nossa sociedade, quanto as publicações acadêmicas tendem a estimular as referências artísticas impostas pela cultura ocidental (heranças do processo de colonização), que precisam ser confrontadas a partir de perspectivas plurais que questionem tal hegemonia universalizante. Mas sobretudo incentivar debates, reflexões e ações, para irmos além do desconforto.

Ao acessar o conceito da perspectiva afrocêntrica, é possível compreender como a arte é capaz de posicionar o indivíduo como centro de suas próprias questões, mantendo-o lúcido, ao desempenhar, entre outras, a função de escudo de proteção para as mais pesadas manifestações do racismo que o mesmo venha a sofrer. Contribui também para identificar e nutrir os aspectos que compreendem a aquisição, ou o esboço de um posicionamento seguro e potente das participantes, frente ao seu potencial criativo e expressivo que podem ser desenvolvidos, vislumbrando a apropriação e

valorização de suas narrativas, ao entender durante o processo, a importância de recrutar sua história e posicionar seus interesses no centro das suas relações.

Por meio dos argumentos de reparação e diversidade<sup>9</sup>, ancorados na Lei nº. 10.639-03, apresento nesta intervenção possibilidades de posicionar a dança como um elemento fundador e de mobilidade de condutas de enunciação e emancipatórias da população negra, na sociedade como um todo. No entanto, iniciativas como esta, não devem ficar a cargo unicamente das pessoas negras, a sociedade deve se posicionar como responsável pela presente desvalorização histórica frente as produções de saberes das mulheres negras, e agir, tanto na academia quanto na sociedade como um todo. (CREWNSHAW, 2002)

Sendo assim, conhecer a trajetória da bailarina Mercedes Baptista, possibilita ao público atendido, a conexão de situações comuns ao cotidiano de mulheres negras, agregando o valor de sua experiência ao se reconhecerem como protagonistas e agentes participantes da sociedade, e comprometidas com a produção de saberes. Como também, por ser uma turma com recorte racial diverso, as oportunidades de diálogos sobre a diferença, conduzem reflexões pertinentes sobre os modelos de convivência pré-estabelecidos pela sociedade, que podem direcionar o grupo no desenvolvimento de estratégias eficazes no enfrentamento desta dinâmica.

Os entrelaces multiculturais mediados pela perspectiva afrocêntrica, entre as múltiplas linguagens artísticas debatidos na presente pesquisa, impulsionam assim, o urgente movimento de conscientização e atividade no combate a sensação de inércia que experimentamos ao longo dos tempos acerca de mudanças expressivas no resgate da humanização da população negra e na legitimação, valorização e compreensão da cultura afro, pela sociedade brasileira.

## Referências

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade a teoria de mudança social**. Afrocentricidade Internacional, 2014.

ANUNCIÇÃO, G. O. A inserção do corpo negro em companhias de balé clássico no Brasil e Estados Unidos. In: **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA**. Salvador: 2019, pp. 2084-2094.

---

<sup>9</sup> De acordo com Júnior, Campos, Danfont *et al* (2018), são encontrados três argumentos fundamentais na elaboração de projetos que aspiram validar as raízes e epistemologias da identidade afro brasileira, através das políticas afirmativas, reparação, justiça distributiva e diversidade. (p.28)

ALVES, M. C.; JESUS, J. P.; SCHOLZ, D. Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo **Saúde debate** | Rio de Janeiro, V. 39, N. 106, P. 869-880, JUL-SET 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, J. D. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília DF, 2005.

CARDOSO, T. V. B; LIMA, M. I. S. de. Interseccionalizando o direito à educação: quais corpos podem habitar o conhecimento. In: **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura – REBEH**. Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH): Vol. 03, N. 13, Jan.-Abr., 2021. Disponível em: < > Acesso em 21 de outubro de 2022.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, pp. 171-188, 2002.

DRAVET, F. M; OLIVEIRA, A. S. de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**, Assis, v. 21, p. 11-30, jan.-jun. 2017. ISSN 1984-2899.

DOVE, N. **Mulherisma Africana: Uma Teoria Afrocêntrica**. Tradução: Wellington Agudá. *Jornal de estudos negros*, Vol. 28, No 5, Maio de 1998 515-539

FERES JÚNIOR, J. *et al.* **Ação afirmativa: conceito, história e debates** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, 190 p. Sociedade e política collection. ISBN: 978-65-990364-7-7. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9786599036477>>. Acesso em 09 de abril de 2023.

FERRAZ, F. M. C. Danças negras: entre apagamentos e afirmação no cenário político das artes. In: **Revista Eixo**. Brasília, v. 6, n. 2 (Especial), novembro de 2017.

FERREIRA, A. da L.; FERREIRA, J.da L. Mercedes Baptista na educação infantil: relato de experiência de implementação da Lei n. 10.639/03 na Educação Infantil. In: **Rev. ODEERE**. 4(7), 2019, pp. 270-282. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4318>>. Acesso em 13 de abril de 2023.

GUNLANDA, O. A. C.; ZANELLA, A. V. . Raça, Corpo e Arte: contribuições de artistas negras/os para a reinvenção do mundo : contribuciones de artistas negros para reinventar el mundo . **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.5965/24471267712021068. Disponível em:

<<https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19825>>. Acesso em: 8 maio. 2023.

HALL, S. A **centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n. 02, p. 15-46, 1997.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

MELGAÇO, P. Mercedes Baptista. **A criação da identidade negra na dança.** Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares, 2007.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014

MENDONÇA, É. de S; GOMINHO, A. de C. F; MELO, A. L. C. de. Dossiê: Relações étnico-raciais: práticas e reflexões pedagógicas em contextos, espaços e tempos Inclusão de pessoas negras e de saberes afrodiaspóricos em Universidades brasileiras: a diversidade epistêmica como estratégia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, e19393, p. 1-19, 2022. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa>> Acesso em 15 de abril de 2023.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, A. do. (2004). Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, 18(50), 209-224. Recuperado de <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9982>> Acesso em 13 de agosto de 2023.

NJERI, A. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17. DOI: <<https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>> Acesso em 20 de abril de 2023.

NOGUERA, R. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio/out/2012, p.62-73.

REIS, M. da C.; LIMA, C. S. de; NASCIMENTO, E. R. do. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 119-135. DOI:<<https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28260>>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

RIBEIRO, K; MOREIRA JR, V. D. Análises e reflexões afrocêntricas acerca da educação filosófica. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 87-100. DOI:<

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>> Acesso em 3 de maio de 2023.

PRYSTHON, A. Mapeando o pós-colonialismo e os estudos culturais na América Latina. **Revista da ANPOLL**, nº 10, 2001, p. 23-46. Disponível em <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/384>>. Acesso em 03 de maio de 2023.

QUIJANO, A. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Poder, Eurocentrismo e América Latina Perspectivas latino-americanas Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales 2005 Âmbito

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas*, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. <[https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000)> Acesso em 24 de abril de 2023.

VILLEROY, E. Ballet folclórico Mercedes Baptista: entre brasilidade e negritude no Rio de Janeiro das décadas de 1950 e 1960. In: **Arte & Ensaios**. Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 41, jan/jun., 2021, pp. 110-126. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>. Acesso em 22 de abril de 2023.

TAVARES, J. R. da S. MACHADO, F. C. A Dança Negra de Mercedes Baptista e o gesto cênico. **Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 10, n.1, [18], p. 38 - 53, jan.- jul. 2022.